

Breve visão de Tóquio

O escritor Jean-Philippe Toussaint fala do romance *Fazer amor*, seu reencontro com o leitor brasileiro

Marcelo Rezende

Quando *Fazer amor* chegou aos leitores em setembro de 2002, o belga Jean-Philippe Toussaint, um dos mais ousados, populares e aclamados autores de língua francesa, encerrava um intervalo de cinco anos longe da ficção, do romance; seu livro anterior, *Autoportrait (à l'étranger)*, tinha sido lançado dois anos antes, e nele Toussaint descrevia a tortura de autores obrigados a viajar pelo mundo em nome de seus livros, falando em universidades para interessados, para jornalistas desinformados ou fãs em estado de êxtase. Um calvário também seu, enfim, que se iniciava com a descrição de uma aterrissagem em Tóquio: "Visto do alto, a quatro mil pés de altitude, não há muita diferença entre o Pacífico e o Mediterrâneo". Tudo se iniciava no Japão, o mesmo país que, além de cenário e paisagem, é todo um personagem em *Fazer amor* – lançado neste mês no Brasil pela Editora Globo. Mas, dessa vez, Tóquio não é o espaço onde o sofrimento começa, e sim a cidade na qual tudo termina.

Um casal. Uma separação que acontece, não pára de acontecer pelas ruas da capital japonesa, uma série de desconfiças, de lembranças, de minúsculas tragédias e um frasco que se torna uma arma possível, ao alcance da mão. Toussaint produziu uma história de amor; seu título não é um jogo com o fato. Mas como se trata do autor de *O banheiro* (1985) e *A televisão* (1997, Editora 34), é sempre necessário se perguntar qual amor, de qual afeto se trata, que mundo é exatamente esse

onde seu personagem carrega (como um pequeno animal de estimação) um pouco de ácido, pronto a usá-lo quando for necessário. Uma história de amor com Jean-Philippe Toussaint – que é também fotógrafo e cineasta – se aproxima da definição crítica do diretor Jean-Luc Godard para o cinema. Para Godard, todo filme é um filme de amor. Um filme "de ação" nada mais é do que o amor pela ação. Assim como um filme "de guerra" é o resultado do amor pelas batalhas. *Fazer amor* é então, nesse sentido, um livro sobre o amor. Um amor, também, pelo Japão?

"Fiz muitas viagens ao Japão, mais de uma dezena nos últimos dez anos, em razão do sucesso excepcional que meus livros e filmes tiveram lá (um sucesso, aliás, dificilmente explicável, fora a grande perspicácia dos japoneses...). Eu sempre me dizia: um dia farei alguma coisa sobre o Japão, talvez um livro, talvez um filme, mas não estava com muita pressa e queria me deixar ser tomado pelas impressões que tinha sobre o Japão, deixar o Japão se impregnar em mim, como o chá na água. Quando imaginei essa história de ruptura amorosa, soube imediatamente que era no Japão que deveria se passar, que ela comporia com os cenários e a luz do Japão."

Assim Jean-Philippe Toussaint explicou à **CULT**, em uma entrevista por escrito (ele vive neste momento em Roma), a gênese de seu romance. Impregnação, ruptura, desordem. Desde sua aparição na literatura de língua francesa nos anos 1980, Toussaint vem lançando



Cena da noite de Tóquio, em foto de Jean-Philippe Toussaint, enviada pelo autor à **CULT**

seus curtos, exatos, minimalistas talvez, relatórios sobre o desarranjo diante da sociedade, das relações afetivas, da tecnologia, do futuro ou do romance, que, assim como a pintura, Deus ou os Rolling Stones, têm a morte decretada periodicamente.

Em *O banheiro*, o primeiro e grande sucesso, seu personagem não quer comprometer "a vida abstrata" e por isso passa seus dias em uma banheiro. Com *A televisão*, um historiador de arte decide promover um boicote contra a TV, que o impede de escrever um ensaio sobre o pintor Ticiano. Ele realiza então uma particular batalha, um ato de resistência em defesa da escrita. A literatura de J-P.T. parece estar continuamente cercada por crises, regeneradoras, mas dolorosas crises. "Uma crise do ordinário, do cotidiano", diz ele. "Mas é verdade que, nesse cotidiano onde cada um pode estar, procuro instantes puramente romanescos."

– Duas décadas separam *Fazer amor* de *O banheiro*. Qual distância, como autor de língua francesa, você imagina ter percorrido nesses 20 anos?

– Tenho a consciência de seguir um caminho, de ser uma voz solitária e exigente. Escrever é uma pesquisa que realizo, cada livro é um elemento autônomo e independente de uma procura mais vasta e misteriosa, na qual o sentido final surgirá apenas no fim da estrada.

– Mas o que existe de *O banheiro* em *Fazer amor*?

– Os dois livros se aproximam, sem dúvida, em um ponto: eles nascem do que poderia chamar de influência Dostoiévski-Faulkner: a violência subjacente, a acidez.

O banheiro foi o livro responsável por ter transformado Toussaint, aos 28 anos, em um autor criticamente reverenciado, um *best-seller* (mais uma vez, o Japão: apenas no primeiro ano o romance teve mais de cem mil exemplares vendidos), e no renovador de uma certa



Toussaint, que procura no cotidiano "instantes romanescos"

Divulgação

tradição. Uma tradição da renovação. A editora de J.P.T. na França é a Minuit, responsável pelo aparecimento de Samuel Beckett e pelo *Nouveau Roman* de Claude Simon (Prêmio Nobel em 1985), Alain Robbe-Grillet, Nathalie Sarraute ou Robert Pinget. Editar pela Minuit significa pertencer a um universo muito particular: "A Minuit é uma editora muito exigente, que tem uma alta idéia da literatura. Jérôme Lindon, que tive a chance de ter como editor de 1985 até sua morte, em 2001, foi, ao lado de Gaston Gallimard, o maior editor francês do século 20". É disso que se trata. Toussaint é um autor das edições Minuit.

O *Nouveau Roman*, nos 1950, propunha o fim do romance no modelo imposto pelo realismo e pelo naturalismo. A partir daí, é possível esperar sempre algum tipo de surpresa – às vezes imensa, genial – dos autores lançados pela Minuit. De que maneira então é possível trabalhar com essa herança? "Como sou publicado pelas edições Minuit, que editou o *Nouveau Roman*, existe um tipo de continuação natural no espírito de jornalistas e críticos. O que não é falso. Me parece que a mais interessante literatura francesa dos anos 1950 e 1960 foi exatamente o *Nouveau Roman*. Fui influenciado, Beckett, claro, mas também Marguerite Duras, Claude Simon, Robbe-Grillet, mas não necessariamente todo Claude Simon e todo Robbe-Grillet. Eu não sou um continuador ou um discípulo, não me sinto preso a um engajamento."

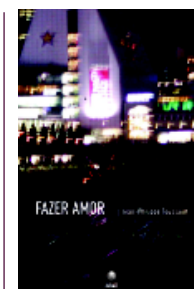
"Na época", continua Toussaint, "os autores do *Nouveau Roman* foram violentamente atacados pela parte mais conservadora da crítica, se dizia que eles não contavam mais histórias, que não havia mais personagens, que o *Nouveau Roman* matava a literatura. Houve uma grande polêmica, que está um pouco contida hoje. Eu cheguei após a batalha. Não precisei

ser maximalista, dogmático ou radical. Quando comecei a escrever, o território já havia sido largamente liberado por Robbe-Grillet e todos os outros, e eu não tinha mais necessidade de ser duro, rígido, diante de determinadas questões teóricas. Se tinha vontade de contar uma história com personagens, não me incomodaria com isso."

– Com quais autores você dialoga diretamente em seus livros?

– Isso depende do livro. Eu comecei a escrever algumas semanas após ter lido *Crime e castigo*. Beckett e Kafka foram minhas maiores influências literárias. Para *O banheiro*, é preciso acrescentar Robert Musil. Para *A máquina fotográfica*, Nabokov e ainda Beckett (*Lolita* e *Molloy* estavam, por assim dizer, em meu escritório). Para *A televisão*, Proust. Em *Fazer amor*, e no livro que acabo de terminar, Lawrence Durrell e Faulkner.

Jean-Philippe Toussaint faz essa sua reentrada entre os leitores brasileiros com um aceno para uma cultura distante, para o vazio que existe na vida compartilhada de um casal, para a cena literária francesa e toda uma herança universal. Um carinhoso, sutil e muitas vezes nervoso aceno. Toussaint, isso é claro, escreveu uma história de amor. ■



Fazer amor

Jean-Philippe Toussaint
(tradução de Ana Ban)
Editora Globo, 120 págs., R\$ 28

O cinema, o mercado, o tempo

CULT – Quais são as semelhanças e as diferenças entre sua criação com a literatura e o cinema, o som e a imagem?

J.P.T. – Em razão do sucesso de *O banheiro* pude fazer filmes. Mas é verdade que se trata de uma outra técnica, um outro método de trabalho. O cinema é um trabalho coletivo, com técnicas que necessitam de especialistas muito diferentes. Durante uma filmagem, discuto com as pessoas sobre o penteado das atrizes, sobre a luz, a cor de um caminhão, a lente a ser usada. É muito variado. Não sou eu quem faço o *menu* da cantina, mas quase. O único ponto em comum é que nos dois casos eu sou um autor. Não sou um cineasta que possui uma técnica e pode trabalhar por encomenda.

CULT – O mundo da edição francesa, e europeia, mudou muito na última década. Nesse momento há tendências de mercado produzidas pelas próprias editoras, pela imprensa ou mesmo pela crítica. Como você vê essa condição e as relações entre a criação e o mercado?

J.P.T. – Tive a chance de ser editado na França por uma pequena editora de muito prestígio que, sem recusar as leis de mercado e do comércio de livros, continua a manter uma ética literária exigente.

CULT – Você já afirmou ter o desejo de escrever sempre um livro de seu tempo, sobre as coisas que se passam agora. Qual é o tema de nosso tempo?

J.P.T. – Essa idéia de contemporaneidade é indispensável para mim. Eu tento ser um escritor de hoje, um escritor do meu tempo. Mas, para responder de maneira mais precisa sua questão, peço que você espere até setembro, quando será lançado meu próximo livro...